



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10069 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

LIVRO DIDÁTICO: OS USOS E CONSTRUÇÕES CURRICULARES

Gabriela Souza Oliveira - UFAC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

Rafael Marques Gonçalves - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

LIVRO DIDÁTICO: OS *USOS* E CONSTRUÇÕES CURRICULARES

Resumo

O livro didático tem sua presença massiva nas escolas brasileiras devido, majoritariamente, ao Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD). Compreendemos que a efetivação na prática dessa política se deve as formas como as/os docentes se utilizam dele. O que nos impulsionou na pesquisa realizada durante o mestrado foi conhecer os *usos* e as ressonâncias do livro didático na prática das docentes nos seus cotidianos escolares. Ancorados nas perspectivas de Ball, Maguire e Braun (2016), Brandão (1999), Certeau (1994) e Oliveira (2012), podemos inferir que as possibilidades de construções curriculares na prática das professoras são diversas. Os usos são orientados a partir da singularidade e coletividade, uma vez que é a partir desse movimento que as professoras constroem as suas práticas com o livro didático.

Palavras chaves: Currículo; Livro didático; Prática docente.

Para iniciar...

“*Professora, qual é a página do livro?*” está é uma frase recorrente nas salas de aula das escolas da educação básica e tal fato se deve a presença massiva do livro didático nos cotidianos escolares no Brasil, assegurada por via do Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD). Tendo como pano de fundo a situação mencionada, buscamos neste poster relatar uma pesquisa sobre os usos e as ressonâncias do livro didático na prática das/dos docentes. O que nos inquietou a conhecer diz respeito a como os professores e professoras utilizam o livro na sua prática? Quais são as suas escolhas? Elas e eles o negam, subvertem, adaptam, como fazem isso?

Este trabalho se concretiza a partir de uma pesquisa realizada a nível de mestrado, que culminou na escrita da dissertação. Para o alcance do que se propôs como objetivo traçamos um caminho metodológico onde a pesquisa realizada compõe a perspectiva de um estudo qualitativo, esse tipo de pesquisa busca “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2002, p. 21)

Passo a passo, pouco a pouco o caminho se faz

Ancorados em Brandão (1999), desenvolvemos uma pesquisa participante tendo em

vista a relevância de se pesquisar e estudar as problemáticas imbricadas e situadas no contexto da realidade escolar. Neste sentido, nossa pesquisa foi desenvolvida em uma escola estadual dos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública do estado do Acre, com um grupo de 13 professoras, entendendo que a escola é um lugar de identificação, pertença, questionamentos, reafirmação da profissão escolhida, partilha e pesquisa, a partir da escolha dos objetivos deste trabalho.

No início do ano de 2020, o mundo inteiro foi impactado pela pandemia do COVID 19. Por ser uma doença de fácil contágio, foi recomendado por especialistas e pela Organização Mundial de Saúde (OMS) o isolamento social.

Sendo assim, ficou inviabilizado qualquer contato físico com as professoras para realizar os diálogos. Desta forma, recorremos à tecnologia e à internet para conseguir por outros meios ouvir o que elas tinham a partilhar. Decidimos, então, utilizar o aplicativo de mensagens e áudios via internet para esse fim. Realizamos conversas que culminaram nas narrativas aqui apresentadas.

Usos do livro didático: a narrativa das docentes

No decorrer da pesquisa percebemos que semanalmente, as professoras tinham um encontro com a coordenadora pedagógica para realizarem o planejamento para a semana seguinte. Deste momento semanal, é materializado o que chamamos de rotina semanal.

Neste lugar que as docentes redigem suas possíveis práticas para os próximos dias. Esses pequenos instantes, registros e práticas dão sentido aos currículos *pensados/praticados*, perspectiva curricular assumida por este trabalho. Oliveira (2012) assevera que os currículos são para além dos documentos tidos “oficiais”

Nas suas atividades cotidianas, os praticantes pensantes criam currículos com aquilo que sabem, desejam e em que acredita, por meio de negociações de sentidos e possibilidades com a dinâmica das turmas, dos conhecimentos, das trajetórias sociais e culturais dos alunos, com as circunstâncias móveis e imprevisíveis de cada dia de trabalho, sem necessariamente criarem coerência com modelos de práticas. (OLIVEIRA, 2012, p. 97)

A construção de currículos, acontece, também, com os livros quando as professoras lançam nas suas rotinas e planos de aula o dia em que irão utilizá-lo, se eles irão figurar durante as aulas ou somente como fonte de pesquisa para elaboração dos planos de aula, criando possibilidades de uso para que eles não sejam apenas entregues aos alunos, durante as aulas. No trecho seguinte, podemos observar como a professora Juliana “encaixa” o livro no seu planejamento:

Muitas vezes o conteúdo não bate com o que estamos trabalhando. As vezes as questões são tão fáceis ou que não é interessante para o nosso trabalho que nós nem utilizamos todo o livro. Quando dá para usar o livro didático a gente usa, porque como eu falei o livro muitas vezes não vem do jeito que a gente pede, não vem o mesmo livro. Então a gente consegue pegar algumas atividades do livro, aí sim quando é uma atividade que dá para a usar nós fazemos o planejamento usando o livro. (Professora Juliana, 2020)

Quando lançamos nosso olhar para o que dizem as professoras podemos perceber que elas fazem arranjos a partir de sua vivência da melhor forma de como utilizar o livro, a partir das necessidades dos seus alunos e alunas e suas possibilidades.

Certeau (1994), nos orienta a emergir nas formas como são utilizados os produtos culturais por aqueles que ele denomina como consumidores. Desta forma, entender e compreender os usos ganha maior notoriedade do que estudar o próprio produto/objeto.

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e

espetacular, corresponde *outra* produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com os produtos, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 1994, p. 39)

O livro didático pode ser visto como um desses produtos que chegam às escolas para serem consumidos pelas professoras, contudo as *maneiras de fazer*, esse uso, se tornam subjetivas, pois cada docente, a partir de suas experiências e construções diárias, ressignifica esse produto, transparecendo em sua prática todo esse movimento. Dentro deste processo no cotidiano escolar, cada indivíduo tem suas *maneiras de fazer*, mesmo que no mesmo espaço com o mesmo objeto, assim, a singularidade de cada sujeito altera seus usos, ainda que as práticas das professoras sejam, também, embebidas de suas construções coletivas com as outras professoras.

É porque, assim, está um pouquinho complexo. O livro para o professor, ele não é ruim, ele é ruim para o aluno. Vou te explicar como é isso: para nós ele é como um mapa. Eu posso montar todo meu plano de aula em cima do livro didático, ótimo! Só que para o aluno, ele é fraquinho, entendeu? Vamos dizer que eu quero colocar um “caldo grosso”, quero algo a mais, então eu acho o livro fraco por esse motivo. Mas para nós professores ele é bom, é como um mapa, mas é obvio que eu sempre vou colocar algo a mais. Um norte, ele é um norte. Mas para o aluno, isso no caso da alfabetização, por exemplo, meu aluno só pode pegar o livro em junho/julho quando ele já tem uma noção das coisas, quando ele tem noção de número, entendeu? Quando eu digo: “abre na página tal, vamos falar um pouquinho disso aqui”, antes disso, ele não pode pegar o livro e, quando ele aprende a ler, quando ele está alfabetizado, a gente consegue ver que o livro é muito fraco. Porque ele consegue fazer em minutinhos as atividades. (Professora Daiana, 2020)

A professora Daiana remodela até mesmo o período em que o livro será utilizado pelos alunos e alunas. Quando entregue na escola, as orientações são para que o livro seja utilizado naquele ano letivo, a partir do seu início, todavia a professora compreende que esta não seja a forma mais adequada para seus alunos. Mesmo em aspectos que não tenham essas brechas, as docentes reavaliam e reconfiguram a função primária desse objeto.

Concluindo... por enquanto

A partir de nossas percepções com os achados da pesquisa, podemos compreender que no uso do livro didático há construção para além do que é imposto como perspectiva orientadora de trabalho. O livro didático perpassa essa dimensão, as docentes nos mostram que o uso do livro atravessa as possibilidades de reformulação, da adoção ou do esquecimento dentro dos armários.

Ball, Maguire e Braun (2016, p. 13) afirmam que “a política é feita pelos e para os professores; eles são atores e sujeitos e objetos da política. A política é escrita nos corpos e produz posições específicas dos sujeitos”. É na escola, no cotidiano escolar e nas práticas docentes que poderemos encontrar, também, muitas maneiras de fazer política educacional.

Destaco aqui a importância de pesquisar sobre esses *usos e maneiras de fazer* (Certeau, 1994) das/dos docentes da educação básica para vislumbrarmos políticas educacionais mais democráticas, construídas a partir do chão da escola.

Mesmo que as orientações para o livro didático sejam engessadas as professoras entendem que, tal qual canta Caetano, “*é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte*” nem a padronização das maneiras de fazer.

Referências

BALL, S., MAQUIRE, M., BRAUN, A. **Como as escolas fazem as políticas**. Tradução de: BRIDON, J. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016.
BRANDÃO, C. R. (org.) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense,

1999.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de: ALVES, E. F. Rio de Janeiro: Vozes. 1994.

MINAYO, M. L. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2^a ed. 2002.

OLIVEIRA, I. B. **O currículo como criação cotidiana**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.